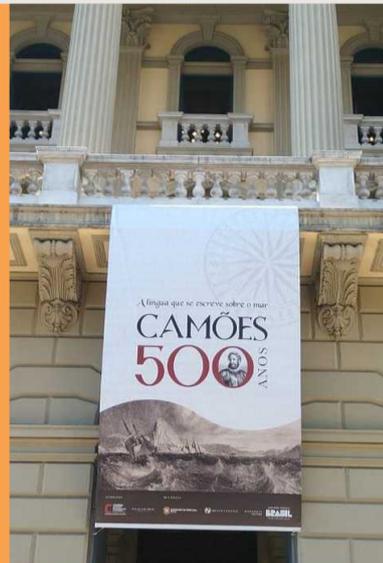


A Biblioteca Nacional inaugurou a exposição **A língua que se escreve sobre o mar – Camões 500 anos** como parte das comemorações do quinto centenário (500 anos) de nascimento do escritor português Luis de Camões. O presidente da Biblioteca Nacional, Marco Lucchesi, disse à Agência Brasil que a instituição tem uma longa tradição de festejar a presença de Camões “por tudo que ela guarda no seu acervo, que veio da Real Biblioteca – Casa do Infantado, mas também do que foi adquirido durante o século XIX, particularmente, e no século XX”. “A Biblioteca Nacional é hoje um centro importantíssimo da memória Camoniana, não só pelas mais de 700 obras que possui sobre Camões, mas, de modo especial, pelas obras raras”, disse Lucchesi. Entre as raridades, estão as primeiras edições de *Os Lusíadas*, de 1572, e a segunda, chamada dos piscos, de 1584, além das obras *Rhytimas* (1595) e *Rimas* (1616). Também estão em exposição mapas de Lisboa e das Américas feitos na época de Camões, além de gravuras e desenhos dos séculos XVI ao XIX, obras literárias inspiradas em Camões e pinturas contemporâneas com a navegação como tema.



Disponível até o dia 4 de outubro, de seg a sex, das 10h às 17h, na sede da Biblioteca Nacional, e, digitalmente, pelo site:

<https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/a-lingua-que-se-escreve-sobre-o-mar-camoes-500-anos/abertura-camoes-500-anos/>

O Museu de Ciências da Terra - MCTer - possui um dos maiores acervos de geologia e paleontologia da América Latina, sendo reconhecido também como o Palácio da Geologia. Criado em 1907, o acervo do MCTer conta com mais de 10 mil amostras de minerais nacionais e internacionais, meteoritos, 12 mil rochas e 35 mil fósseis catalogados, além de 100 mil volumes de publicações relacionadas à área de geociências, localizados na biblioteca do museu. O museu situa-se na Urca, a poucos metros do Pão de Açúcar, e é tombado por decreto municipal. Conta com 4 exposições permanentes: No Tempo dos Dinossauros – exposição em homenagem a Llewellyn Ivor Price (1905-1980), um dos maiores paleontólogos brasileiros, que durante sua vida, reuniu a maior coleção de vertebrados fósseis do Brasil; Dinossauros do Triângulo; Mostra Mineralógica e Petrográfica; e O Que é Geofísica?, além de exposições temporárias, de acordo com a programação do local.



Av. Pasteur, 404 – 2º andar, Urca. Quarta a sábado das 10h às 16h, com último acesso às 15h40. Contatos: (21) 2546-0257 | E-mail geral: mcter@sqb.gov.br | (grupos e escolas): educamcter@sqb.gov.br

A **Flor do Buriti** é um documentário luso-brasileiro dos diretores João Salaviza e Renée Nader Messoria. O longa retrata três momentos distintos na história da comunidade indígena da etnia Krahô, que ocupa cerca de 320 mil hectares entre os municípios de Goiatins e Itacajá, no Tocantins. O primeiro momento se passa em 1940, quando a aldeia enfrenta um brutal massacre movido pelos fazendeiros da região. O segundo momento é em 1969, quando os sobreviventes do massacre são coagidos a integrar uma unidade militar durante os tempos da ditadura. E por último, hoje em dia, com os Krahô enfrentando as ameaças do passado e as que surgem e reinventando formas de resistência. A *Flor do Buriti* foi filmado ao longo de 15 meses, apoiando-se no trabalho de formação que os diretores João Salaviza e Renée Nader Messoria desenvolveram nos territórios krahô. O documentário levou o prêmio de Melhor Equipe da mostra Un Certain Regard no Festival de Cannes 2023. Após a exibição, o filme foi aplaudido por 10 minutos



Disponível na Estação NET Botafogo <-

Você sabia?

Você sabia que faz 10 anos da morte de Ariano Suassuna? Ariano morreu no dia 23 de julho de 2014 no Real Hospital Português, no Recife, vítima de uma parada cardíaca. Nascido em Paraíba do Norte, atual João Pessoa, capital da Paraíba, em 16 de junho de 1927, Ariano Vilar Suassuna, intelectual, escritor, filósofo, dramaturgo, romancista, artista plástico, ensaísta, poeta e advogado brasileiro, foi um eminente defensor e divulgador da cultura nordestina e um dos grandes escritores do Brasil, sendo indicado em 2012, pela Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal, como representante do Brasil na disputa pelo Prêmio Nobel de Literatura. Autor de obras como *Auto da Compadecida* (1955) e *Romance d'A Pedra do Reino* e o *Príncipe do Sangue*, Ariano foi o idealizador do Movimento Armorial em outubro de 1970, que teve como objetivo criar uma arte erudita a partir de elementos da cultura popular do Nordeste brasileiro. O movimento procura orientar para esse fim todas as formas de expressões artísticas: música, dança, literatura, artes plásticas, teatro, cinema, arquitetura, entre outras. Ocupou a cadeira de número 18 na Academia Pernambucana de Letras, a cadeira 35 na Academia Paraibana de Letras e, de 1990 até a sua morte, a cadeira 32 da Academia Brasileira de Letras. As obras de Suassuna já foram traduzidas para o inglês, francês, espanhol, alemão, holandês, italiano e polonês.

